

9 de Agosto de 2026 – 19.º Domingo do Tempo Comum

1 Rs 19, 9.11-13; Rm 9,1-5; Mt 14,22-33

INTRODUÇÃO

Há uma antiga oração de pescadores que diz: “O vosso mar, ó Deus, é tão grande, e o meu barco tão pequeno.”

De muitas formas, esta oração fala por todos nós. Muitas vezes a vida parece maior do que as nossas forças, e há momentos em que descobrimos quão pouco controlo realmente temos sobre os ventos e as ondas que nos rodeiam.

As

Escrituras de hoje conduzem-nos precisamente a essa experiência. Os discípulos lutam contra a tempestade, Elias escuta Deus no silêncio que vem depois do vento e do fogo, e Paulo carrega a dor de um amor que não pode forçar o coração de ninguém. Cada leitura recorda-nos que a fé não é a ausência de dificuldades, mas a confiança na presença de Deus no meio delas.

Muitas vezes o medo torna-se uma voz forte dentro de nós. A ansiedade, a desilusão e a incerteza podem distorcer a nossa visão, de tal modo que deixamos de

reconhecer o Senhor que já está próximo. Contudo, Cristo continua a dirigir as mesmas palavras a cada coração atribulado: “Coragem! Sou Eu. Não tenhais medo.”

Ao prepararmo-nos para celebrar estes santos mistérios, reconheçamos os momentos em que o medo enfraqueceu a nossa confiança, em que o ruído abafou a voz suave de Deus e em que nos esquecemos de estender a mão para acolher a mão que Cristo nos oferece para nos salvar.

ATO PENITENCIAL

Senhor Jesus, que vindes ao nosso encontro através das tempestades da vida e acalmais os nossos medos: Senhor, tende piedade de nós.

Cristo Jesus, que estendeis a vossa mão quando começamos a afundar-nos na dúvida e no desânimo: Cristo, tende piedade de nós.

Senhor Jesus, que falais no silêncio da graça e nos conduzis com segurança através de todas as tempestades: Senhor, tende piedade de nós.

ORAÇÃO DE ABSOLVIÇÃO

Que o Senhor misericordioso nos perdoe pelas vezes em que o medo venceu a fé, em que resistimos à sua presença que nos guia e em que deixámos de escutar a sua voz suave no meio do ruído da vida. Que Ele fortaleça a nossa confiança, nos firme em todas as tempestades e nos conduza à vida eterna. Ámen.

CONVITE AO GLÓRIA

Embora os mares da vida possam estar agitados e os nossos corações inseguros, Deus nunca abandona o seu povo. Com confiança no Senhor que vem para nos salvar, elevemos as nossas vozes em louvor e glorifiquemos o seu santo nome.

ORAÇÃO COLECTA

Deus todo-poderoso e eterno, nas tempestades e incertezas da vida nunca deixais de velar com amor pelo vosso povo. Ensinai-nos a reconhecer a vossa presença nos momentos de silêncio e de confiança, para que, fortalecidos pela mão de Cristo, caminhemos com

coragem na fé e jamais sejamos vencidos pelo medo. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo, e vive e reina pelos séculos dos séculos. Ámen.

HOMILIA

Há uma antiga oração de pescadores da Bretanha que diz: “O vosso mar, ó Deus, é tão grande, e o meu barco tão pequeno.” O Presidente John F. Kennedy conservava estas palavras gravadas numa placa na Casa Branca. Elas exprimem algo profundamente humano: a consciência de que a vida é muitas vezes maior, mais imprevisível e mais poderosa do que nós. Um pequeno barco não escolhe o mar por onde navega. Simplesmente aprende a manter-se à tona sobre ele.

A maioria de nós sabe o que significa estar diante de realidades que estão para além do nosso controlo. Um diagnóstico muda tudo. Uma relação começa a fracassar. Um peso familiar torna-se mais difícil de suportar. Uma decisão precisa de ser tomada sem qualquer certeza. De

repente, percebemos como a nossa confiança pode ser frágil. O mar torna-se revoltoso e o nosso pequeno barco parece terrivelmente pequeno.

Conta-se uma antiga história sobre um jovem marinheiro que atravessava o Atlântico pela primeira vez. Durante uma violenta tempestade, viu o capitão experiente a beber tranquilamente uma chávena de chá enquanto as ondas se lançavam contra o navio. O jovem marinheiro gritou: “Capitão, não tem medo?” O capitão respondeu: “Aprendi há muito tempo que o medo não faz a tempestade parar. Apenas impede o marinheiro de continuar.” Isto é importante. O medo em si não é o perigo. O verdadeiro perigo é permitir que o medo nos faça perder a direção, o discernimento e a confiança.

Outra história marítima ilustra isto de forma ainda mais clara. Um capitão orgulhoso comandava um contratorpedeiro na sua viagem inaugural. Numa noite escura, durante uma forte tempestade, avistou uma luz diretamente à frente. Ordenou a um operador de sinais

que transmitisse a mensagem: “Altere o seu rumo dez graus para sul.” A resposta chegou: “Altere o seu rumo dez graus para norte.” Furioso, o capitão enviou outra mensagem: “Sou um capitão. Altere imediatamente o seu rumo.” A resposta veio: “Sou um marinheiro de segunda classe. Altere imediatamente o seu rumo.” Enraivecido, o capitão respondeu: “Eu comando um contratorpedeiro!” A resposta final veio calmamente: “E eu sou um farol.”

Aquilo que parecia ser um obstáculo era, na verdade, salvação. O que parecia oposição era orientação. Nas tempestades, a percepção torna-se distorcida. Por vezes, precisamente aquilo que nos pode salvar é confundido com uma ameaça.

É este o cenário do Evangelho de hoje. Os discípulos encontram-se num pequeno barco sobre um mar agitado, fustigados pelo vento e pelas ondas. E Jesus não está com eles — pelo menos não da forma que eles esperam. Este detalhe é importante porque toca uma das experiências mais profundas da fé: fazer aquilo que

acreditamos ser correto e, ainda assim, encontrar-nos em dificuldade.

Os discípulos não estavam a fugir de Jesus. Estavam a obedecer-Lhe. Foi Ele quem os enviou para a frente. No entanto, a obediência não os poupou à tempestade.

Muitas pessoas lutam silenciosamente com esta realidade. “Procuró viver com retidão. Rezo. Trabalho honestamente. Porque continua a vida a ser tão difícil?” O Evangelho não pretende dizer que a fé elimina as tempestades. Pelo contrário, revela que Cristo vem ao nosso encontro no meio delas.

Há ainda outro pequeno detalhe que muitas vezes passa despercebido. O Evangelho diz que o barco estava “muito afastado da terra”. Os discípulos encontram-se entre duas margens — já não estão onde começaram, mas ainda não chegaram ao lugar para onde se dirigem. Espiritualmente, muitas pessoas vivem aí. Já não são quem eram antes, mas ainda não são quem esperam tornar-se. Estes lugares intermédios podem ser assustadores porque

carecem de estabilidade. No entanto, é frequentemente aí que a fé cresce mais profundamente.

Então acontece um momento extraordinário. Jesus caminha sobre as águas em direção a eles. Mas, em vez de conforto, os discípulos experimentam primeiro o terror. “É um fantasma!”, gritam eles.

O medo altera a perceção. Vemos perigo onde existe amor, rejeição onde existe convite e ausência onde existe presença.

Uma enfermeira que trabalhou durante muitos anos em cuidados paliativos contou certa vez que muitos doentes em fase terminal partilhavam o mesmo arrependimento: “Passei demasiado tempo da minha vida com medo.”

Medo de perdoar. Medo de recomeçar. Medo de amar abertamente. Medo de confiar em Deus. O medo estreita a vida até que sobreviver se torna mais importante do que viver.

É nesse medo que Jesus fala: “Coragem! Sou Eu. Não tendes medo.”

Estas palavras aparecem repetidamente nas Escrituras porque o medo é uma das realidades mais persistentes da vida humana. A ordem “Não tenhais medo” não é uma negação da realidade. Jesus não está a fingir que a tempestade não existe. As ondas são reais. O vento é real. Mas o medo não tem a última palavra.

Pedro faz então algo extraordinário. “Senhor, se és Tu, manda-me ir ter contigo sobre as águas.”

E Jesus simplesmente responde: “Vem.”

À primeira vista, a atitude de Pedro pode parecer imprudente. No entanto, a fé começa muitas vezes precisamente com esse movimento: sair daquilo que parece seguro para caminhar em direção Àquele que chama. Toda a vocação, todo o ato de perdão, toda a reconciliação difícil, toda a decisão de recomeçar contém algo de Pedro a sair do barco.

Uma jovem descreveu certa vez como deixou uma carreira de sucesso para cuidar da sua mãe idosa, que sofria de

demência. Os amigos diziam-lhe que estava a destruir o seu futuro. Ela admitia sentir medo e incerteza. Contudo, anos mais tarde afirmou: “Foi a coisa mais difícil que alguma vez fiz, mas também o lugar onde descobri Deus de forma mais profunda.” A fé raramente parece segura no início. Parece mais confiança do que certeza.

No princípio, Pedro caminha sobre as águas. Mas depois o Evangelho diz: “Reparou na força do vento.” Esta frase resume muito da vida espiritual. Pedro desvia a atenção de Cristo e fixa-a na tempestade.

E não é isto verdade para muitos de nós? Começamos bem. Fazemos propósitos. Tentamos reconstruir um casamento, aprofundar a oração, vencer um vício, tornar-nos mais pacientes e mais generosos. Mas depois os ventos tornam-se fortes: críticas, cansaço, desilusões, velhos hábitos, dúvidas interiores. Lentamente, o medo torna-se mais forte do que a confiança.

Pedro começa a afundar-se.

E então pronuncia talvez a oração mais sincera de todo o Evangelho: “Senhor, salva-me!”

Não é uma oração elegante. Não é refinada. É simplesmente verdadeira.

Por vezes, as orações mais profundas são também as mais simples. Uma oração feita num corredor de hospital. Uma oração feita durante a noite. Uma oração sussurrada no esgotamento. A oração de alguém que já não tem palavras impressionantes, mas apenas necessidade. E o Evangelho diz que imediatamente Jesus estendeu a mão.

Imediatamente. Não depois de Pedro se justificar. Não depois de provar que era digno. Não depois de a tempestade terminar. A resposta de Cristo é imediata.

Isto é profundamente importante porque muitas pessoas imaginam secretamente um Deus distante, desapontado ou lento a ajudar. No entanto, o Evangelho apresenta-nos um Deus que se aproxima da fragilidade humana, e não que se afasta dela.

A primeira leitura oferece-nos outra imagem da presença de Deus. Elias encontra-se na montanha à espera do Senhor. Há vento impetuoso, terramoto e fogo. Mas Deus não está neles. Finalmente surge “uma brisa suave e silenciosa”, e é aí que Elias reconhece Deus.

O mundo à nossa volta está cheio de ruído. Opiniões sem fim, discussões, ansiedades e distrações. O ruído pode tornar-nos espiritualmente surdos. Tornamo-nos incapazes de reconhecer a presença mais discreta da graça.

Um homem foi certa vez fazer um retiro num mosteiro. Depois de dois dias de silêncio, queixou-se a um dos monges: “Aqui não acontece nada.” O monge sorriu e respondeu: “Isso acontece porque a sua alma está finalmente a tornar-se suficientemente silenciosa para perceber aquilo que sempre esteve a acontecer.”

Esta observação é profunda. Muitas vezes Deus não está ausente; somos nós que estamos demasiado distraídos para O perceber.

O silêncio experimentado por Elias não é vazio. É atenção. É a serenidade na qual o medo perde parte do seu poder e a verdade volta a ser reconhecida.

As palavras de São Paulo na segunda leitura acrescentam ainda outra dimensão. Ele fala com profunda tristeza pelo seu povo, sofrendo porque aqueles que ama não reconhecem aquilo que ele acredita ser a verdade que dá vida. É a dor de amar sem poder controlar os resultados.

Os pais conhecem esta dor. Os amigos conhecem esta dor. Qualquer pessoa que tenha visto um ente querido fazer escolhas destrutivas conhece esta impotência. A fé não elimina esse sofrimento. Mas ensina-nos a carregar a tristeza sem nos rendermos ao desespero.

Tomadas em conjunto, as leituras de hoje revelam uma verdade comum: os seres humanos não são autossuficientes. As tempestades exteriores, as dúvidas interiores e as relações que nos ferem recordam-nos constantemente os nossos limites. Mas essa constatação não é o fim da fé. É o seu começo.

Porque o Cristianismo não é, em última análise, a história de pessoas fortes que dominam as tempestades. É a história de um Deus fiel que vem ao encontro de pessoas frágeis precisamente no meio delas.

No centro do Evangelho não está o fracasso de Pedro, mas a presença de Cristo. Jesus vem sobre as águas. Jesus fala de coragem. Jesus estende a mão. Jesus entra no barco. E, quando entra no barco, o vento acalma. Há uma imagem final que reúne todas estas leituras: um pequeno barco sobre um vasto mar; discípulos assustados; uma mão estendida através da tempestade; Elias a escutar o silêncio; um farol confundido com perigo até ser reconhecido como misericórdia.

A antiga oração do pescador bretão regressa mais uma vez, mas agora com um significado mais profundo: “O vosso mar, ó Deus, é tão grande, e o meu barco tão pequeno.” Sim, o mar é grande. Mas Aquele que criou o mar é ainda maior. E a mão que alcançou Pedro continua a estender-se para nós sempre que o medo começa a arrastar-nos para o fundo.

CONVITE AO CREDO

Unidos à Igreja espalhada por todo o mundo e confiando no Senhor que nos sustenta em todas as tempestades, professemos agora a fé que nos fortalece e nos guia.

CONVITE À ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Orai, irmãos e irmãs, para que estes dons, oferecidos com fé no meio das lutas e incertezas da vida, sejam agradáveis a Deus Pai todo-poderoso.

ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Senhor nosso Deus, acolhei os dons que colocamos sobre o vosso altar e, por meio deste santo sacrifício, fortalecei-nos quando o medo e a dúvida nos dominarem.

Que estas oferendas aprofundem a nossa confiança no vosso Filho, que estende a mão para salvar aqueles que O invocam com fé.

Por Cristo, nosso Senhor.

Ámen.

PREFÁCIO

É verdadeiramente nosso dever e nossa salvação, dar-Vos graças sempre e em toda a parte, Senhor, Pai santo, Deus eterno e onipotente. Pois em todos os tempos conduzis o vosso povo através das tempestades e incertezas da vida. Quando o medo invade o coração humano e as ondas do sofrimento se levantam à nossa volta, não abandonais aqueles que confiam em Vós.

No vosso Filho, Jesus Cristo, aproximastes-Vos de nós sobre as águas da nossa fraqueza.

Ele estendeu a sua mão aos que se afundavam, levou a paz aos corações atribulados e revelou a vossa presença salvadora, não apenas por meio de obras poderosas, mas também naquele silêncio onde a fé escuta.

Por Ele nos ensinais que o vosso poder se manifesta na misericórdia,

a vossa orientação na fidelidade silenciosa
e a vossa salvação na coragem de confiar.

Por isso, com os Anjos e os Arcanjos,
com os Tronos e as Dominações,
e com todos os coros celestes,
proclamamos a vossa glória, cantando numa só voz:

Santo, Santo, Santo, Senhor Deus do universo...

CONVITE AO PAI-NOSSO

Com confiança no Pai cuja mão nos sustenta em todas as
tempestades, e seguindo o ensinamento do Salvador que
nos convida a não ter medo, ousamos dizer:

EMBOLISMO

Livrai-nos de todo o mal, Senhor,
e dai ao mundo a paz em nossos dias, para que, no meio
das tempestades e ansiedades deste mundo,
sejamos fortalecidos pela vossa presença
e conduzidos com segurança pela luz da vossa
misericórdia, enquanto esperamos a feliz esperança
e a vinda de nosso Salvador, Jesus Cristo.

ORAÇÃO PELA PAZ

Senhor Jesus Cristo, que dissestes aos vossos discípulos:

“Coragem! Sou Eu. Não tenhais medo.”

Não olheis para os nossos medos e fracassos,
mas para a fé da vossa Igreja,
e dignai-Vos conceder-lhe a paz e a unidade,
segundo a vossa vontade.

Vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos. Ámen.

CONVITE À COMUNHÃO

Eis o Cordeiro de Deus, a mão estendida para nos salvar,
a presença de Cristo que permanece connosco em todas
as tempestades. Felizes os convidados para a ceia do
Cordeiro.

MEDITAÇÃO APÓS A COMUNHÃO

Os discípulos descobriram que a tempestade não era mais
forte do que a presença de Cristo. Elias descobriu que
Deus não se encontrava no ruído, mas no silêncio.
Também nós somos convidados a confiar que, mesmo
quando a vida parece incerta, o Senhor está mais perto do

que imaginamos. O mar pode ser grande e o nosso barco pequeno, mas Aquele que nos chama a avançar nunca deixa de nos segurar na sua mão.

ORAÇÃO DEPOIS DA COMUNHÃO

Tendo participado nestes santos mistérios,
nós Vos pedimos, Senhor,
fortalecei os nossos corações com uma confiança serena
e ensinai-nos a reconhecer a vossa presença
nos momentos de medo, silêncio e incerteza.
Que o Corpo e o Sangue de Cristo nos sustentem
até alcançarmos a paz do vosso Reino eterno.
Por Cristo, nosso Senhor. Ámen.

BÊNÇÃO SOLENE

Que o Senhor acalme todo o medo que existe dentro de
vós e vos fortaleça em todas as provas. Ámen.

Que Cristo, que estendeu a sua mão a Pedro,
vos sustente sempre que tropeçardes ou vos sentirdes
cansados. Ámen.

Que o Espírito Santo vos conduza àquela serenidade
onde a presença de Deus é reconhecida e acolhida com
confiança. Ámen.

E a bênção de Deus todo-poderoso,
Pai, Filho ✠ e Espírito Santo,
desça sobre vós e permaneça para sempre. Ámen.

DESPEDIDA

Ide em paz e confiai que Cristo caminha convosco através
de todas as tempestades e vos conduz com segurança
pela luz da sua misericórdia.

PENSAMENTO PARA A SEMANA

“O mar pode ser grande e o nosso barco pequeno, mas a
mão de Cristo é sempre maior do que a tempestade.”

10 de agosto de 2026 – Segunda-feira da 19.^a Semana do
Tempo Comum: *São Lourenço, Diácono*
2 Cor 9,6-10; Jo 12,24-26

INTRODUÇÃO

Certa vez, numa noite tempestuosa ao longo de uma costa rochosa, um guarda de farol avistou um barco de pesca a lutar contra o mar revolto, longe da costa. As ondas cresciam, o vento era forte, e a pequena embarcação perdia constantemente a direção. Embora as suas reservas de óleo fossem escassas, ele decidiu manter a luz acesa durante toda a noite, guiando os pescadores em segurança até casa.

O seu gesto nunca foi celebrado publicamente, mas aqueles que sobreviveram recordaram-se da luz que se recusou a apagar-se. Era uma luz que não procurava proteger-se a si mesma, mas que se consumia pelos outros.

Hoje, na festa de São Lourenço, somos recordados de que a vida cristã brilha com maior intensidade quando é

oferecida por amor. O Evangelho fala do grão de trigo que cai na terra e morre para dar muito fruto. São Lourenço viveu este mistério com alegre coragem e generoso serviço.

Ao iniciarmos esta Eucaristia, perguntemo-nos onde o nosso amor se tornou hesitante, onde o medo nos levou a recuar e onde escolhemos o conforto em vez da entrega de nós mesmos. Procuremos agora a misericórdia do Senhor no ato penitencial.

ATO PENITENCIAL

Senhor Jesus, vós sois o grão de trigo que morreu para trazer vida ao mundo: Senhor, tende piedade de nós.

Cristo Jesus, chamais-nos à generosidade alegre e ao serviço prestado com alegria: Cristo, tende piedade de nós.

Senhor Jesus, ensinais-nos que nada do que é dado por amor se perde: Senhor, tende piedade de nós.

ORAÇÃO DE ABSOLVIÇÃO

Deus todo-poderoso tenha misericórdia de nós, perdoe a nossa relutância em amar generosamente, fortaleça-nos para nos tornarmos fecundos no serviço de entrega aos outros e nos conduza à vida eterna. *Ámen.*

ORAÇÃO COLECTA

Ó Deus, que enchestes São Lourenço de alegre coragem para servir os pobres e oferecer a sua vida em testemunho fiel, ensinai-nos a tornar-nos como a semente do Evangelho, confiando que tudo o que é dado por amor dará fruto duradouro no vosso Reino.

Concedei que, libertos do medo e do egoísmo, possamos brilhar como servos generosos do vosso povo.

Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo, e vive e reina pelos séculos dos séculos. *Ámen.*

HOMILIA

Um jovem estudante partilhou certa vez o seu almoço com um colega que se tinha esquecido da refeição. Parecia um gesto pequeno — metade de uma sanduíche e uma peça de fruta. Contudo, esse simples ato espalhou-se silenciosamente até que ninguém na turma voltou a passar fome. O que começou como um pequeno gesto de generosidade transformou toda a comunidade.

O fio condutor da Palavra de hoje é claro: a vida cresce através do amor que se oferece aos outros, como o grão de trigo que cai na terra e morre.

São Lourenço viveu esta verdade. Como diácono em Roma, não se apegava aos bens da Igreja, mas via-os como destinados aos pobres. Quando lhe pediram que apresentasse os tesouros da Igreja, apontou para os pobres, os que sofriam e os esquecidos. Compreendeu que a Igreja resplandece mais não quando acumula, mas quando se entrega.

São Paulo diz o mesmo na primeira leitura: «Deus ama quem dá com alegria». Não uma generosidade relutante ou forçada, mas uma oferta alegre. E acrescenta o paradoxo do Evangelho: quanto mais semeamos, mais colhemos — não porque Deus faça cálculos de recompensas, mas porque o amor multiplica aquilo que oferece.

Jesus leva esta verdade ao seu significado mais profundo: «Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica só; mas, se morrer, dará muito fruto». Ele fala, antes de mais, de Si mesmo — da sua morte que se torna vida para o mundo — e depois fala de nós: quem se apegue à própria vida perde-a; quem a entrega encontra-a transformada.

Há aqui um desafio silencioso. Muitas vezes protegemos o nosso tempo, o nosso conforto e a nossa segurança. Contudo, a vida torna-se verdadeiramente viva quando é oferecida.

Uma enfermeira trabalhou certa vez num hospital em tempo de guerra, onde os recursos eram escassos e o

cansaço constante. Ainda assim, nunca recusou cuidar de um doente. Anos mais tarde, um sobrevivente afirmou que não foi apenas a medicina que o salvou, mas a sua presença — oferecida sem reservas — que lhe devolveu a dignidade. Esta é a colheita de que Jesus fala. Este é o fruto da vida de São Lourenço. É assim que a generosidade alegre ganha corpo e sangue.

Um agricultor, depois de uma má colheita, decidiu mesmo assim voltar a semear. Os vizinhos chamaram-lhe insensato. Porém, quando chegaram as chuvas, o campo encheu-se de abundância. Mais tarde, ele disse que a parte mais difícil não tinha sido semear, mas confiar que nada do que é oferecido com fé se perde.

Assim acontece com o Reino: nada do que é dado por amor é desperdiçado. Tudo se transforma em semente.

E permanece a pergunta: o que existe em nós que ainda resiste a tornar-se semente? O que continuamos a guardar apenas para nós?

São Lourenço mostra-nos o caminho — a entrega confiante em vez da autopreservação; o amor fecundo em vez do receio que nos leva a reter. Nele, o grão de trigo torna-se visível: vida através da entrega de si mesmo, fruto através da renúncia.

Que aprendamos esta liberdade — a liberdade da semente, a liberdade de quem dá com alegria, a liberdade do amor que confia na colheita.

Certa vez, numa pequena aldeia, uma viúva muito pobre tinha apenas um pouco de farinha e azeite. Apesar da sua própria necessidade, repartiu o que possuía com uma família vizinha que passava por dificuldades ainda maiores. Ninguém reparou naquele gesto simples.

Contudo, a sua bondade inspirou outros habitantes da aldeia a fazer o mesmo. Pouco a pouco, ninguém ficou sem alimento. O que parecia insignificante tornou-se uma bênção para muitos.

Assim acontece no Reino de Deus: aquilo que é dado por amor torna-se maior do que era, e aquilo que é entregue transforma-se no início de uma vida nova.

CONVITE À ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Orai, irmãos e irmãs, para que o nosso sacrifício se torne semelhante à oferta de São Lourenço: dado livremente, entregue com alegria e fecundo no amor a Deus e ao próximo.

ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Recebei, Senhor, os dons que colocamos sobre o vosso altar, ao celebrarmos a vitória de São Lourenço.

Que esta santa oferenda nos ensine a gastar generosamente a nossa vida ao vosso serviço e a confiar que cada ato de amor se torna semente para o vosso Reino. Por Cristo, nosso Senhor. Ámen.

PREFÁCIO

É verdadeiramente nosso dever e nossa salvação dar-vos graças sempre e em toda a parte, Senhor, Pai santo, Deus eterno e onipotente. Pois em São Lourenço revelais a beleza de uma vida derramada por amor.

Assim como o vosso Filho se tornou o grão de trigo
que caiu na terra e morreu para dar muito fruto,
também o vosso mártir Lourenço
se entregou livremente ao serviço dos pobres
e permaneceu fiel até à morte.
Pelo seu testemunho, ensinai à vossa Igreja
que nada do que é oferecido por amor se perde,
e que a generosidade alegre
se transforma numa colheita de graça para o mundo.
Por isso, com os Anjos e os Santos,
nós vos louvamos, proclamando sem cessar:

Santo, Santo, Santo, Senhor Deus do universo...

CONVITE AO PAI-NOSSO

Fiéis aos ensinamentos do Salvador e formados pela sua
divina doutrina, ousamos dizer, como filhos que confiam
plenamente no Pai, sabendo que nada do que é dado por
amor se perde:

EMBOLISMO

Livrai-nos de todo o mal, Senhor, nós vos pedimos,
e libertai os nossos corações do medo que nos leva a
viver apenas para nós mesmos.

Concedei-nos a coragem de São Lourenço,
para que semeemos generosamente no amor,
confiando na colheita do vosso Reino.

Dai benignamente a paz aos nossos dias,
para que, ajudados pela vossa misericórdia,
sejamos sempre livres do pecado e de toda a perturbação,
enquanto esperamos a vinda gloriosa
de Jesus Cristo, nosso Salvador.

ORAÇÃO PELA PAZ

Senhor Jesus Cristo,
vós nos ensinastes que a vida se torna fecunda
quando é oferecida em amor e serviço.
Não olheis para as nossas hesitações e egoísmos,
mas para a fé da vossa Igreja,
que procura tornar-se uma luz generosa no mundo,
e concedei-lhe a paz e a unidade,

segundo a vossa vontade.

Vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos. Ámen.

CONVITE À COMUNHÃO

Eis o Cordeiro de Deus, eis Aquele que se tornou o grão de trigo partido para a vida do mundo.

Felizes os convidados para a Ceia do Cordeiro.

MEDITAÇÃO APÓS A COMUNHÃO

A semente desaparece na terra, mas da sua entrega nasce a vida. Assim também cada gesto de amor, cada generosidade escondida, cada sacrifício oferecido com fé torna-se fecundo nas mãos de Deus.

São Lourenço compreendeu bem este mistério: aquilo que é guardado apenas para si permanece pequeno, mas aquilo que é dado por amor torna-se parte da abundante colheita de Deus.

Que esta Eucaristia nos ensine a liberdade de dar com alegria e a coragem serena de nos tornarmos pão repartido para os outros.

ORAÇÃO DEPOIS DA COMUNHÃO

Alimentados por estes dons sagrados, nós vos pedimos humildemente, Senhor, que, seguindo o exemplo de São Lourenço, aprendamos a entregar-nos generosamente por amor e a produzir frutos duradouros através do serviço fiel. Por Cristo, nosso Senhor. Ámen.

BÊNÇÃO SOLENE

Que o Senhor vos abençoe com a generosidade alegre de São Lourenço, para que as vossas vidas se tornem uma luz para aqueles que vivem nas trevas. Ámen.

Que Ele vos ensine a liberdade do grão de trigo, confiando que nada do que é dado por amor se perde. Ámen.

E a bênção de Deus todo-poderoso,
Pai, Filho ✠ e Espírito Santo,
desça sobre vós e permaneça para sempre. Ámen.

DESPEDIDA

Ide em paz e glorificai o Senhor com vidas derramadas em amor generoso.

PENSAMENTO PARA A SEMANA

Nada do que é dado por amor se perde.

Quando deixamos de nos agarrar a nós mesmos e começamos a viver como semente para os outros, Deus transforma até o mais pequeno gesto de generosidade numa abundante colheita de vida.

11 de Agosto de 2026 – Terça-feira, 19.^a Semana do Tempo Comum: Santa Clara:

Ez 2,8–3,4; Mt 18,1-5.10.12-14

INTRODUÇÃO

Um jovem aprendiz trabalhava sob a orientação de um mestre artesão conhecido pela sua paciência. Certo dia, o aprendiz recebeu uma tarefa simples: polir um conjunto de ferramentas. Em vez de se concentrar no trabalho, passava o tempo a olhar à sua volta, esperando que alguém reparasse na habilidade com que executava a tarefa. Ao final do dia, as ferramentas estavam polidas de forma desigual — não porque lhe faltasse capacidade, mas porque estava mais preocupado em ser visto do que em realizar bem o trabalho.

Noutra situação, investigadores observaram que as pessoas que se comparavam constantemente com os outros frequentemente se tornavam inquietas e insatisfeitas, mesmo quando alcançavam sucesso. Já aquelas que se dedicavam discretamente à aprendizagem e ao serviço cresciam com maior paz e alegria.

A mesma tentação pode entrar na nossa vida espiritual.

Podemos procurar reconhecimento, importância ou elogios, em vez de simplesmente pertencermos a Deus com um coração confiante. Contudo, Jesus ensina-nos que a verdadeira grandeza não se encontra na posição ou no prestígio, mas na humilde dependência do Pai.

Ao reunirmo-nos hoje diante do Senhor, peçamos a graça de nos tornarmos semelhantes às crianças na confiança, humildes no serviço e compassivos para com os fracos e os perdidos. Conscientes do nosso orgulho e do nosso egoísmo, voltemo-nos agora para o Senhor no acto penitencial.

ATO PENITENCIAL

Senhor Jesus, que nos chamais a tornar-nos como as crianças pequenas, confiando plenamente no Pai: Senhor, tende piedade de nós.

Cristo Jesus, que procurais a ovelha perdida e carregais os fracos sobre os vossos ombros: Cristo, tende piedade de nós.

Senhor Jesus, que nos ensinais que a verdadeira grandeza se encontra no serviço humilde e no amor: Senhor, tende

piedade de nós.

ORAÇÃO DE ABSOLVIÇÃO

Deus todo-poderoso, que olhais com ternura para os humildes e elevais aqueles que confiam em Vós, perdoe os nossos pecados, cure o nosso orgulho e egoísmo e nos conduza à vida eterna. Amen.

ORAÇÃO COLECTA

Deus onnipotente e eterno,
ensinai-nos a caminhar pelo caminho da humildade e da confiança próprias das crianças,
para que, acolhendo a vossa palavra com coração aberto e cuidando dos fracos e dos que andam perdidos, possamos seguir o vosso Filho com simplicidade e amor. Concedei-nos a graça de não procurarmos a nossa própria importância,
mas a alegria de vos pertencermos inteiramente. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo, e vive e reina pelos séculos dos séculos. Amen.

HOMILIA

Numa grande empresa, dois funcionários disputavam silenciosamente uma promoção muito desejada. Ambos eram competentes, mas um deles passava grande parte do tempo a tentar impressionar os superiores, enquanto o outro se dedicava discretamente a ajudar os colegas, a resolver problemas e a cumprir fielmente as suas responsabilidades. Quando chegou o momento da avaliação, o director comentou: “O verdadeiro líder é aquele que faz os outros crescerem, não aquele que procura constantemente ser notado.” As suas palavras mudaram completamente a perspectiva de muitos naquele local de trabalho.

No Evangelho de hoje, os discípulos têm uma preocupação semelhante: “Quem é o maior no Reino dos Céus?” Jesus responde de uma maneira que eles não esperavam. Coloca uma criança no meio deles. Não um guerreiro, não um sábio, não um dirigente, mas uma criança, alguém que naquela sociedade não possuía posição nem prestígio.

Depois vem a verdade que os surpreende: se não mudarem e não se tornarem como as crianças, nem sequer entrarão no Reino dos Céus. Jesus não está a elogiar a infantilidade, mas a atitude própria da criança — uma dependência aberta e confiante de Deus. A criança não calcula posições nem procura defender a sua reputação; simplesmente recebe a vida como um dom. É aqui que a primeira leitura aprofunda silenciosamente esta mensagem. Ezequiel recebe a ordem de tomar e comer o rolo da Palavra de Deus. Ele não discute nem analisa primeiro; recebe, interioriza e só depois fala. O discipulado não consiste em subir acima dos outros, mas em permitir que a Palavra de Deus se torne vida dentro de nós.

Santa Clara compreendeu bem este caminho. Escolheu o escondimento em vez da exibição, a pobreza em vez da posse e a confiança em vez do controlo. A sua grandeza não estava na visibilidade, mas na sua disponibilidade para Deus — como uma criança que repousa em segurança nos cuidados do Pai.

E Jesus leva este ensinamento ainda mais longe. Fala do pastor que deixa noventa e nove ovelhas para procurar aquela que se perdeu. A grandeza de Deus não se mede pelo domínio, mas por um amor incansável que vai ao encontro do que é frágil e errante.

Certa vez, uma professora percebeu que uma das suas alunas mais tímidas estava a atravessar um período difícil. Enquanto muitos prestavam atenção apenas aos alunos mais brilhantes e participativos, ela dedicou tempo a escutar aquela menina em silêncio, a encorajá-la e a acompanhá-la. Meses depois, a jovem recuperou a confiança e voltou a sorrir. A professora nunca procurou reconhecimento pelo que fez; apenas desejava que aquela criança não se sentisse esquecida.

Essa é a mentalidade de Deus. Esse é o caminho do discípulo. A verdadeira grandeza no Reino não consiste em estar acima dos outros, mas em pertencer inteiramente a Deus e cuidar profundamente daqueles que Deus nunca abandona.

CONVITE À ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Orai, irmãos e irmãs, para que estes dons, oferecidos com corações humildes e confiantes, sejam agradáveis a Deus Pai todo-poderoso.

ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Senhor nosso Deus,
recebei as oferendas que colocamos diante de Vós
e libertai-nos de todo o desejo de elogio humano.
Que este sacrifício nos ensine a humildade de Cristo,
que veio não para ser servido, mas para servir,
e nos torne atentos aos perdidos, aos fracos e aos esquecidos. Por Cristo, nosso Senhor. Amen.

PREFÁCIO

Senhor, Pai santo, Deus eterno e onipotente,
é verdadeiramente nosso dever e nossa salvação
dar-Vos graças sempre e em toda a parte.
Porque, na vossa sabedoria,
revelais a verdadeira grandeza
não através do poder ou das honras deste mundo,

mas por meio de corações humildes e confiantes.

O vosso Filho colocou uma criança no meio dos seus discípulos para mostrar que o Reino pertence àqueles que dependem de Vós com simplicidade e amor.

Em Cristo, o Bom Pastor, procurais os perdidos e carregais os fracos com compaixão, ensinando-nos que ninguém é esquecido aos vossos olhos.

Pelo testemunho dos santos,
continuais a mostrar à vossa Igreja
que a santidade floresce no serviço escondido,
no amor fiel e na confiança plena na vossa providência.
Por isso, com os Anjos e os Arcanjos,
com os Tronos e as Dominações,
e com todos os Coros e Potestades celestes,
cantamos o hino da vossa glória,
dizendo numa só voz:

Santo, Santo, Santo, Senhor Deus do universo...

CONVITE AO PAI-NOSSO

Fiéis aos ensinamentos do Salvador e formados pela sua divina doutrina, ousamos dizer com a confiança e a simplicidade dos filhos que sabem que são amados pelo Pai:

EMBOLISMO

Livrai-nos de todo o mal, Senhor,
especialmente do orgulho, do egoísmo
e da necessidade de reconhecimento.

Concedei-nos misericordiosamente a paz em nossos dias,
para que, confiando plenamente na vossa misericórdia,
nos tornemos humildes servidores uns dos outros
e fiéis procuradores daqueles que se perderam.

Enquanto esperamos a feliz esperança
e a vinda do nosso Salvador, Jesus Cristo.

Vosso é o reino e o poder e a glória para sempre.

ORAÇÃO PELA PAZ

Senhor Jesus Cristo,
que ensinastes aos vossos discípulos
que a verdadeira grandeza se encontra no amor humilde e
no serviço, não olheis para os nossos pecados nem para
as nossas divisões, mas para a fé da vossa Igreja,
e concedei-lhe a paz e a unidade
segundo a vossa vontade.
Vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos. Amen.

CONVITE À COMUNHÃO

Eis o Cordeiro de Deus, o Bom Pastor que procura os
perdidos e nos reúne sob os seus cuidados.

Felizes os convidados para a Ceia do Cordeiro.

MEDITAÇÃO APÓS A COMUNHÃO

A criança confia sem medo.

O pastor procura sem desistir.

O discípulo segue sem procurar reconhecimento.

Nesta Eucaristia, Cristo alimentou-nos com a simplicidade
do amor divino.

Que saiamos desta celebração menos preocupados em
ser importantes e mais dispostos a pertencer
completamente a Deus.

Porque o coração humilde diante do Senhor torna-se um
lugar onde os outros podem regressar em segurança e
encontrar a paz.

ORAÇÃO DEPOIS DA COMUNHÃO

Alimentados por estes santos mistérios, Senhor,
possamos crescer na confiança humilde e no amor fiel.
Ensinai-nos a receber a vossa palavra com coração de
criança e a reflectir a compaixão do Bom Pastor
para com todos os que são fracos, perdidos ou
atribulados.

Que este sacramento nos fortaleça
para não procurarmos grandeza para nós mesmos,
mas santidade no serviço amoroso.

Por Cristo, nosso Senhor.

Amen.

BÊNÇÃO SOLENE

Que o Senhor vos abençoe com a humildade das crianças, com a confiança de repousar seguros nos cuidados do Pai, e com a compaixão de procurar aqueles que estão perdidos.

E a bênção de Deus todo-poderoso,
Pai, Filho ✠ e Espírito Santo,
desça sobre vós e permaneça para sempre. Amen.

DESPEDIDA

Ide em paz e glorificai o Senhor pela humildade no serviço, pela confiança do coração e pelo amor compassivo.

PENSAMENTO PARA A SEMANA

A verdadeira grandeza não se encontra em estar acima dos outros, mas em pertencer completamente a Deus e cuidar daqueles que Deus nunca deixa de procurar.

12 de Agosto de 2026 – Quarta-feira da 19.^a Semana do Tempo Comum

Ez 9,1-17; 10,18-22; Mt 18,15-20

INTRODUÇÃO

Num escritório, um simples e-mail enviado à pressa desencadeou uma reação inesperada. Algumas palavras mal escolhidas foram entendidas como crítica em vez de esclarecimento. Em poucas horas, os colegas deixaram de falar uns com os outros, as mensagens tornaram-se mais frias e aquilo que tinha sido um pequeno mal-entendido transformou-se num ambiente tenso que afetou toda a equipa. Só quando um membro mais experiente do pessoal convidou as duas partes para uma sala tranquila, ouviu atentamente ambos os lados e ajudou com delicadeza cada um a compreender o que o outro realmente queria dizer é que a cura começou lentamente. O que parecia ser uma pequena rutura precisou de uma verdade dita com paciência e humildade para restaurar a paz.

Situações como esta não são raras na vida humana. As

palavras podem ferir, o silêncio pode endurecer os corações, e os mal-entendidos podem crescer silenciosamente até se tornarem divisão, se forem deixados sem atenção. Contudo, quando a verdade é dita com o espírito certo, ela pode tornar-se também um caminho de reconciliação e renovação.

As Escrituras de hoje recordam-nos que Deus não está ausente dos espaços frágeis e por vezes feridos da comunidade humana. Ele chama-nos não apenas a uma fé pessoal, mas também a uma responsabilidade partilhada uns pelos outros, especialmente quando as relações estão tensas ou quando a verdade precisa de ser dita com amor.

E assim, ao aproximarmo-nos do Senhor, reconhecemos aqueles momentos em que falhámos na construção da comunhão, quando o orgulho nos impediu de escutar ou a falta de coragem nos impediu de falar. Preparemos agora os nossos corações para procurar a misericórdia e a cura de Deus e, por isso, voltamo-nos para o Senhor no ato penitencial.

ATO PENITENCIAL

Senhor Jesus, que estais presente onde os corações se reúnem em humildade e oração: Senhor, tende piedade de nós.

Cristo Jesus, que nos chamais a dizer a verdade com amor e a procurar a reconciliação uns com os outros: Cristo, tende piedade de nós.

Senhor Jesus, que curais as relações feridas e restaurais a comunhão entre o vosso povo: Senhor, tende piedade de nós.

ORAÇÃO DE ABSOLVIÇÃO

Deus todo-poderoso tenha misericórdia de nós, perdoe as vezes em que ferimos os outros por orgulho, silêncio ou dureza de coração, cure aquilo que está ferido dentro de nós e entre nós, e nos conduza à vida eterna.

Amen.

ORAÇÃO COLECTA

Ó Deus, que revelais a vossa presença onde quer que o vosso povo se reúna em nome do vosso Filho, ensinai-nos a caminhar na humildade, a dizer a verdade com caridade, e a procurar a reconciliação com corações sinceros, para que a vossa Igreja se torne um sinal vivo da vossa paz e comunhão.

Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo, e vive e reina pelos séculos dos séculos. Amen.

HOMILIA

Numa pequena cidade, dois irmãos deixaram de se falar por causa de uma disputa sobre uma herança familiar. O que começou como uma divergência de opiniões transformou-se em anos de silêncio e afastamento. Certo dia, durante uma celebração paroquial, ambos se encontraram inesperadamente. Após algum tempo de oração diante do Santíssimo Sacramento, um deles

aproximou-se do outro e disse apenas: “Não quero continuar assim.” Essas poucas palavras abriram caminho para lágrimas, perdão e reconciliação. Mais tarde, ambos testemunharam que sentiram a presença de Deus naquele momento de humildade e verdade.

Esta experiência ajuda-nos a compreender o Evangelho de hoje. Jesus diz: “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles.” Não como uma presença distante, mas como Emanuel, Deus connosco. O fio condutor das leituras de hoje é precisamente este: Deus connosco na comunhão humilde e na verdade fraterna.

Em Ezequiel, a glória do Senhor afasta-se do templo por causa do pecado, mostrando como a infidelidade pode obscurecer a presença de Deus. No Evangelho, porém, a presença de Deus já não está ligada a um lugar, mas às pessoas reunidas em nome de Cristo, mesmo que sejam muito poucas.

Esta presença chama-nos à responsabilidade. Quando existe uma situação de erro ou de pecado, Jesus não

pede silêncio nem condenação, mas propõe um caminho cuidadoso de verdade dita com amor. A correção fraterna deve procurar curar, não condenar.

Mas essa correção deve ser sempre humilde. Não podemos corrigir os outros enquanto permanecemos cegos aos nossos próprios defeitos. Estamos todos juntos diante de Deus como pecadores, ajudando-nos mutuamente no caminho da conversão.

Tudo está enraizado na oração: “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome.” Sem oração, a verdade torna-se dura; sem verdade, a oração torna-se vazia. Unidas, permitem que a presença de Cristo cure e restaure.

Mesmo o menor dos encontros tem importância. Duas pessoas que se perdoam, duas pessoas que rezam, duas pessoas que procuram a verdade com amor — já são lugares de graça. Deus atua onde o amor é verdadeiro, e não apenas onde os números são grandes.

Por isso, o Evangelho continua muito claro: Deus nunca está longe das nossas relações feridas. Onde a verdade é

dita com amor e os corações permanecem humildes, Cristo está presente. E nessa presença, até a mais pequena reconciliação se torna um sinal de Deus conosco.

CONVITE À ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Orai, irmãos e irmãs, para que estes dons, oferecidos com humildade e com o desejo de reconciliação e paz, sejam aceites por Deus Pai todo-poderoso.

ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Senhor nosso Deus, aceitai estas oferendas do vosso povo e fazei delas um sinal da unidade que desejais para a vossa Igreja.

Onde as relações estão feridas, levai a cura;
onde os corações estão divididos, restaurai a caridade;
e onde a verdade precisa de ser dita, concedei-nos humildade e graça.

Por Cristo, nosso Senhor. Amen.

PREFÁCIO

Senhor, Pai santo, Deus eterno e onipotente,
é verdadeiramente nosso dever, é nossa salvação
dar-vos graças sempre e em toda a parte.

Porque nunca abandonais o vosso povo,
mas permaneceis próximo daqueles que vos procuram
com coração humilde.

No vosso Filho, Jesus Cristo, mostrastes-nos que a vossa
presença se encontra onde os corações se reúnem na
oração, na verdade e na reconciliação.

Quando a divisão fere a comunidade humana,
chamais-nos ao perdão.

Quando o orgulho fecha os corações,
convidais-nos à humildade.

E onde dois ou três se reúnem em vosso nome,
o vosso Filho permanece no meio deles
como fonte de paz, cura e comunhão.

Por isso, com os Anjos e os Arcanjos,
com os Tronos e as Dominações,

e com todos os Coros e Potestades celestes,
proclamamos o hino da vossa glória,
cantando numa só voz:

Santo, Santo, Santo, Senhor Deus do universo...

CONVITE AO PAI-NOSSO

Reunidos em nome de Cristo e confiando que Deus está
verdadeiramente connosco em todo o esforço de
reconciliação e paz, ousamos dizer:

EMBOLISMO

Livrai-nos de todo o mal, Senhor, especialmente das
divisões que ferem as famílias, as comunidades e os
corações.

Dai-nos hoje a vossa paz, para que, ajudados pela vossa
misericórdia, sejamos sempre livres do pecado e de toda a
perturbação, aprendendo a caminhar humildemente uns
com os outros, dizendo a verdade com caridade e
procurando a reconciliação em Cristo, enquanto
esperamos a vinda gloriosa
de Jesus Cristo, nosso Salvador.

ORAÇÃO PELA PAZ

Senhor Jesus Cristo,
que estais presente onde as pessoas se reúnem em vosso
nome
para procurar o perdão, a verdade e a reconciliação,
olhai com misericórdia para a vossa Igreja
quando a divisão, os mal-entendidos e o orgulho
enfraquecem a nossa comunhão.
Ensinai-nos a escutar com humildade,
a corrigir-nos mutuamente com caridade,
e a tornar-nos instrumentos da vossa paz que cura.
Vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos. Amen.

CONVITE À COMUNHÃO

Eis o Cordeiro de Deus,
que permanece presente entre aqueles que se reúnem em
seu nome
e que cura os corações feridos pela divisão e pelo pecado.
Felizes os convidados para a Ceia do Senhor.

MEDITAÇÃO APÓS A COMUNHÃO

Senhor, viestes mais uma vez ao nosso encontro.
Nesta Eucaristia, recordastes-nos que a vossa presença
não está distante, mas viva onde os corações procuram a
verdade, o perdão e a paz.
Ensinai-nos a levar esta comunhão para os nossos lares,
locais de trabalho e comunidades.
Que as nossas palavras curem em vez de ferir, que a
nossa humildade abra caminhos de reconciliação e que a
nossa oração nos mantenha unidos no vosso amor.

ORAÇÃO DEPOIS DA COMUNHÃO

A participação neste Sacramento, Senhor,
fortaleça em nós a graça da reconciliação e da paz,
para que, reunidos em vosso nome,
nos tornemos instrumentos da verdade proclamada com
caridade e testemunhas da vossa presença viva no
mundo.
Por Cristo, nosso Senhor. Amen.

BÊNÇÃO SOLENE

O Senhor, que está presente onde os corações se reúnem em seu nome, vos fortaleça na humildade, na paciência e no amor. Amen.

Ele cure toda a divisão que existe dentro de vós e entre vós, e vos faça instrumentos de reconciliação e de paz. Amen.

E a bênção de Deus todo-poderoso,
Pai, Filho ✠ e Espírito Santo,
desça sobre vós e permaneça para sempre. Amen.

DESPEDIDA

Ide em paz e glorificai o Senhor, vivendo na verdade, na humildade e na reconciliação uns com os outros.

PENSAMENTO PARA A SEMANA

“Onde a verdade é dita com humildade e amor, Cristo já está presente, curando os corações e restaurando a comunhão.”

13 de Agosto de 2026 – Quinta-feira da 19.^a Semana do Tempo Comum

Ez 12,1-12; Mt 18,21–19,1

INTRODUÇÃO

Uma cidade costeira ignorou repetidos avisos do seu guarda-farol. A sirene de nevoeiro soava durante toda a noite, mas, como o mar parecia calmo, muitos presumiam que não havia perigo. Nessa manhã, um pequeno barco de pesca saiu cedo para o mar e nunca mais regressou. Só mais tarde os habitantes da cidade compreenderam que aquilo que tinham desprezado como um simples aviso era, na verdade, um apelo para prestar atenção ao que ainda não podia ser visto.

Na primeira leitura, Ezequiel é chamado a realizar um gesto simbólico: fazer as malas como se estivesse a partir para o exílio e sair durante o dia através de um muro que ele próprio abriu. É um sinal para um povo que se recusa a acreditar que o julgamento e as suas consequências estão próximos. A própria vida do profeta torna-se uma mensagem — visível, concreta e impossível de ignorar —

porque as palavras, por si só, já não estão a ser escutadas.

Tal como os ouvintes de Ezequiel, também nós podemos tornar-nos surdos aos discretos sinais que Deus coloca diante de nós — sinais que nos chamam à conversão, à reconciliação e à verdade. Quando presumimos que tudo está bem entre nós e Deus, e entre nós e os outros, corremos o risco de não perceber aquilo que o amor ainda nos pede para ver e mudar.

Por isso, ao reunirmo-nos para esta Eucaristia, reconhecemos aqueles momentos em que ignorámos o apelo do Senhor para perdoar, procurar o perdão ou recomeçar. Trazemos agora tudo isso diante d'Ele, pedindo corações abertos e disponíveis para serem conduzidos à cura e à paz.

ATO PENITENCIAL

Senhor Jesus, Vós revelais a misericórdia do Pai aos corações endurecidos pelo ressentimento: Senhor, tende piedade de nós.

Cristo Jesus, Vós nos ensinais a perdoar sem fazer contas ao custo: Cristo, tende piedade de nós.

Senhor Jesus, Vós nos chamais à reconciliação e à liberdade por meio da vossa Cruz: Senhor, tende piedade de nós.

ORAÇÃO DE ABSOLVIÇÃO

Deus todo-poderoso amoleça a dureza dos nossos corações, perdoe-nos as vezes em que resistimos ao seu apelo à misericórdia e à reconciliação, cure em nós aquilo que o pecado feriu e nos conduza à vida eterna. Ámen.

ORAÇÃO COLECTA

Ó Deus, cuja misericórdia para connosco está para além de toda a medida, ensinai-nos a perdoar como nós mesmos fomos perdoados, para que, libertos do ressentimento e do medo, possamos caminhar na paz e na reconciliação do vosso Reino.

Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo, e vive e reina pelos séculos dos séculos. Ámen.

HOMILIA

Um grupo musical paroquial tinha dois membros antigos que deixaram de falar um com o outro depois de um desentendimento sobre algo que a maioria das pessoas já tinha esquecido. Os ensaios continuavam, os cânticos eram entoados, mas havia uma distância evidente entre eles. Numa tarde, durante os preparativos para a liturgia dominical, o responsável do coro pediu discretamente a ambos que o ajudassem a organizar algumas cadeiras e estantes de música. Naquele simples momento de trabalho partilhado e de silêncio, algo começou a mudar. Com o passar do tempo, as palavras voltaram — não muitas, mas suficientes para permitir um novo começo.

O Evangelho de hoje apresenta-nos a pergunta de Pedro: «Quantas vezes devo perdoar?» A resposta de Jesus — «setenta vezes sete» — destrói qualquer ideia de limite. Depois, conta a parábola do servo cuja enorme dívida é perdoada, mas que se recusa a usar de misericórdia para com um companheiro que lhe devia uma quantia muito

menor. O contraste é intencional e desafiante. A misericórdia recebida mas não partilhada transforma-se em misericórdia perdida.

O fio condutor deste Evangelho é simples, mas exigente: o perdão recebido deve tornar-se perdão oferecido. Jesus não está a falar de esquecer o mal ou de fingir que a ofensa não teve importância. Ele revela-nos que a vida em Deus não pode ser vivida medindo constantemente os outros e esquecendo aquilo que nós mesmos recebemos. Tal como o gesto profético de Ezequiel foi um aviso para um povo resistente, também esta parábola nos adverte: quando o coração se fecha, até a graça deixa de poder ser plenamente acolhida.

Existe uma liberdade que nasce quando deixamos de calcular aquilo que os outros nos devem e começamos a recordar aquilo que nós próprios recebemos. Essa é a liberdade do «setenta vezes sete» — liberdade de deixar de fazer contas, liberdade para recomeçar, liberdade que reflecte o coração do Pai, cuja misericórdia jamais se esgota.

Certa vez, uma mulher participou numa reunião familiar depois de muitos anos de afastamento entre ela e a sua irmã. Ninguém sabia ao certo como tudo iria decorrer. A conversa começou com alguma hesitação e formalidade. Depois, uma sobrinha mostrou uma fotografia antiga da infância da família, e as recordações começaram a surgir naturalmente. No final do encontro, não houve grandes discursos nem resoluções dramáticas, mas houve um simples acordo para se voltarem a encontrar. Nem tudo estava resolvido, mas algo essencial tinha mudado: a misericórdia começara novamente a circular onde durante muito tempo reinara a distância.

CONVITE À ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Orai, irmãos e irmãs, para que, ao colocarmos estes dons sobre o altar, coloquemos também diante do Senhor todo o peso do ressentimento, toda a relação ferida e toda a necessidade de cura, para que o nosso sacrifício se torne agradável a Deus Pai todo-poderoso.

ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Senhor, acolhei os dons que Vos apresentamos e, por meio desta santa oferenda, libertai-nos do hábito de guardar conta das ofensas. Que esta Eucaristia nos ensine novamente a misericórdia que nós próprios recebemos de Vós. Por Cristo, nosso Senhor. *Ámen.*

PREFÁCIO

É verdadeiramente nosso dever e nossa salvação, dar-Vos graças sempre e em toda a parte, Senhor, Pai santo, Deus eterno e onipotente. Porque nunca Vos cansais de chamar o vosso povo de volta para Vós.

Por meio dos profetas advertistes os corações que se tinham tornado obstinados, e no vosso Filho revelastes a profundidade sem limites da vossa misericórdia. Quando estávamos oprimidos pela dívida do pecado, não nos abandonastes, mas reconciliastes-nos convosco pela Cruz de Cristo.

N'Ele nos ensinaiis que a misericórdia recebida deve tornar-se misericórdia partilhada, e que o perdão abre o caminho para a liberdade, a cura e a paz. Por isso, com os Anjos e os Arcanjos, com os Tronos e as Dominações, e com todos os Coros e Potestades celestes, cantamos o hino da vossa glória, proclamando sem cessar:

CONVITE AO PAI-NOSSO

Fieis à recomendação do Salvador e formados pelo seu divino ensinamento, ousamos pedir a graça de perdoar como nós mesmos fomos perdoados:

EMBOLISMO

Livrai-nos, Senhor, de todo o mal e libertai os nossos corações da amargura que nos impede de viver a reconciliação. Concedei-nos benignamente a paz em nossos dias para que, ajudados pela vossa misericórdia, sejamos sempre livres do pecado e seguros de toda a perturbação, enquanto esperamos a feliz esperança e a vinda do nosso Salvador, Jesus Cristo.

ORAÇÃO PELA PAZ

Senhor Jesus Cristo, Vós nos ensinastes que a misericórdia deve passar de coração para coração e que a reconciliação é o caminho para a verdadeira paz. Não olheis para os nossos pecados, mas para a fé da vossa Igreja, e concedei-lhe a paz e a unidade segundo a vossa vontade. Vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos. Ámen.

CONVITE À COMUNHÃO

Eis o Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo e nos restaura pela sua misericórdia. Felizes os convidados para a Ceia do Cordeiro.

MEDITAÇÃO APÓS A COMUNHÃO

O servo do Evangelho tinha recebido mais misericórdia do que jamais poderia retribuir, e, no entanto, teve dificuldade em partilhar sequer uma pequena parte dela com outro. Nesta Eucaristia, também nós recebemos novamente a misericórdia de Cristo — não como uma simples ideia, mas como um dom colocado nas nossas mãos e nos

nossos corações. O Senhor envia-nos agora para que deixemos essa misericórdia circular através das nossas palavras, das nossas relações e da nossa disponibilidade para recomeçar. O perdão pode não resolver tudo imediatamente, mas abre a porta pela qual a cura pode entrar silenciosamente.

ORAÇÃO DEPOIS DA COMUNHÃO

Tendo recebido o Pão da vida, ó Senhor, nós Vos pedimos que este santo mistério abraque tudo o que está endurecido dentro de nós e nos fortaleça para vivermos na misericórdia e na reconciliação.

Que nós, que participámos do vosso perdão, nos tornemos instrumentos de cura e de paz para os outros. Por Cristo, nosso Senhor. Ámen.

BÊNÇÃO SOLENE

Que o Senhor, rico em misericórdia e compaixão, vos ensine a perdoar como fostes perdoados. Ámen.

Que Ele cure as relações feridas e encha os vossos corações com a liberdade da reconciliação. Ámen.

E a bênção de Deus todo-poderoso,
Pai, Filho ✠ e Espírito Santo,
desça sobre vós e permaneça para sempre. Ámen.

DESPEDIDA

Ide em paz e glorificai o Senhor com uma vida marcada pela misericórdia, pela reconciliação e pela coragem de recomeçar.

PENSAMENTO PARA A SEMANA

A misericórdia começa a curar o mundo no momento em que deixamos de fazer contas às ofensas e começamos a recordar quanto nós mesmos fomos perdoados.

**14 de Agosto de 2026 – Sexta-feira, 19.^a Semana do
Tempo Comum - São Maximiliano Maria Kolbe**

Ez 10,1-15.60.63 ou Ez 16,59-63; Mt 19,3-12

INTRODUÇÃO

O amor fiel de Deus chama-nos de volta à unidade original

Numa pequena aldeia costeira, um velho carpinteiro restaurou certa vez um antigo barco de madeira que todos os outros tinham abandonado por o considerarem irrecuperável. Embora estivesse rachado e desgastado pelas tempestades, foi reconstruído pacientemente, tábua após tábua, até poder regressar novamente ao mar. Já não parecia intocado, mas tinha-se tornado inteiro outra vez graças ao cuidado paciente e à fidelidade.

As nossas vidas e os nossos relacionamentos podem assemelhar-se a essa embarcação frágil. O amor é frequentemente posto à prova por mal-entendidos, desilusões e pelo peso da fraqueza humana. No entanto, Deus não descarta facilmente aquilo que está ferido. Ele continua a chamar-nos de volta à unidade e à comunhão originais para as quais fomos criados.

Hoje, Jesus fala do matrimónio não apenas como um contrato humano, mas como uma comunhão sagrada que reflete o próprio amor fiel de Deus. Ao mesmo tempo, honra toda a vocação que se entrega inteiramente a Deus — seja no matrimónio, na vida consagrada ou no serviço generoso aos outros. Em São Maximiliano Kolbe vemos o amor levado à sua medida mais plena no dom da própria vida.

Reunidos em torno deste altar, reconhecemos quantas vezes o nosso amor foi hesitante, dividido ou excessivamente preocupado consigo mesmo. Peçamos ao Senhor que restaure em nós corações capazes de fidelidade, misericórdia e comunhão duradoura, enquanto nos preparamos para o ato penitencial.

ATO PENITENCIAL

Senhor Jesus, Vós chamais-nos de volta à unidade e à fidelidade desejadas desde o princípio: Senhor, tende piedade de nós.

Cristo Jesus, permaneceis paciente connosco quando o nosso amor se torna fraco e ferido: Cristo, tende piedade de nós.

Senhor Jesus, revelais o amor perfeito que se entrega totalmente no sacrifício da Cruz e no testemunho dos vossos santos: Senhor, tende piedade de nós.

ORAÇÃO DE ABSOLVIÇÃO

Deus todo-poderoso, que pacientemente restaura aquilo que está ferido e renova os corações no amor fiel, perdoe os nossos pecados, fortaleça-nos na comunhão uns com os outros e nos conduza à vida eterna. Amen.

ORAÇÃO COLECTA

Deus misericordioso e fiel,

Vós criastes a humanidade para a comunhão e chamastes-nos a refletir o vosso amor duradouro em vidas de fidelidade e entrega generosa.

Num mundo marcado pela divisão e pela fragilidade, renovai os nossos corações pela vossa graça, para que perseveremos no amor, curemos o que está quebrado e

nos tornemos sinais vivos da vossa misericórdia.

Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. Amen.

HOMILIA

Certo jovem casal encontrava-se diante de uma pequena igreja rural, muitos anos depois do dia do seu casamento. A vida não tinha sido fácil — tinham existido mal-entendidos, longos silêncios e momentos em que ambos se perguntaram se o amor se teria apagado discretamente. Contudo, naquele dia renovaram as suas promessas matrimoniais, não com grandes emoções, mas com a decisão serena de recomeçar, levando consigo não ilusões, mas a verdade do caminho percorrido em conjunto.

É neste horizonte que o Evangelho de hoje nos fala. Quando os fariseus interrogam Jesus acerca do divórcio, não procuram verdadeiramente sabedoria, mas tentam pô-lo à prova dentro de um debate jurídico já marcado por limitações humanas e frequentemente injusto para as

mulheres. Jesus, porém, vai além das categorias do seu tempo. Ele regressa ao Génesis, ao princípio, onde o homem e a mulher são chamados não ao domínio ou à procura de brechas legais, mas à comunhão: “os dois serão uma só carne”. A sua visão não é principalmente uma questão de lei, mas da cura dos relacionamentos segundo o desígnio original de Deus.

Contudo, Jesus não ignora a fragilidade humana. Ele sabe que os relacionamentos podem romper-se, que a fidelidade pode ser ferida e que o ideal é muitas vezes pressionado pela realidade. Mesmo assim, não diminui a grandeza da visão. Pelo contrário, restitui dignidade ao próprio amor, recordando-nos que ele foi feito para refletir o amor fiel e duradouro de Deus — firme, generoso e paciente, mesmo quando nós não o somos.

Ao mesmo tempo, Jesus fala também daqueles que abraçam o celibato por causa do Reino dos Céus. Não se trata de um caminho inferior, mas de outra forma de tornar visível um amor indiviso. Seja no matrimónio ou na vida consagrada, o chamamento é o mesmo: permitir que o

amor se torne transparente à generosidade do próprio Deus.

Em São Maximiliano Maria Kolbe, cuja memória hoje celebramos, este ensinamento encontra uma expressão luminosa. Em Auschwitz, ofereceu a sua vida em lugar de um homem casado, pai de família. Naquela sombria cela da fome, o amor tornou-se radicalmente concreto — já não uma teoria, mas um dom. Foi um amor que não fez cálculos, mas se entregou completamente, refletindo a entrega total de Cristo.

Assim, o Evangelho deixa-nos uma verdade exigente, mas geradora de vida: somos chamados a um amor que não permanece dividido entre o ideal e a realidade, mas que permite a Deus unir ambos numa unidade restauradora. Numa cidade do interior, uma família possuía uma antiga casa herdada dos avós. Com o passar dos anos, surgiram rachaduras nas paredes, o telhado começou a deixar entrar água e muitos sugeriram que seria melhor demolir tudo e construir algo novo. Contudo, a família decidiu restaurá-la cuidadosamente. O trabalho exigiu tempo,

esforço e paciência, mas a casa voltou a ser um lar acolhedor. Mais tarde, o pai da família dizia frequentemente: “Foi ao reconstruirmos esta casa juntos que aprendemos a permanecer unidos.” Assim também o amor cresce e amadurece quando escolhe permanecer fiel e reconstruir o que foi ferido.

CONVITE À ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Orai, irmãos e irmãs, para que estes dons, oferecidos com fé e confiança, nos fortaleçam a viver com corações indivisos e amor fiel, e sejam agradáveis a Deus Pai todo-poderoso.

ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Senhor nosso Deus, acolhei estas oferendas que colocamos sobre o vosso altar e, por meio deste santo sacrifício, curai o que está ferido dentro de nós e aprofundai a nossa comunhão convosco e entre nós. Que o exemplo de São Maximiliano Kolbe nos inspire a amar generosamente e sem reservas. Por Cristo, nosso Senhor. Amen.

PREFÁCIO

É verdadeiramente nosso dever e nossa salvação dar-Vos graças, sempre e em toda a parte, Senhor, Pai santo, Deus eterno e todo-poderoso.

Desde o princípio criastes a humanidade à vossa imagem e chamastes-nos à comunhão através de um amor fiel e generoso.

Mesmo quando o pecado feriu os relacionamentos humanos e dividiu os corações, não abandonastes o vosso povo, mas continuastes a chamá-lo à unidade e à aliança por meio da vossa misericórdia.

No vosso Filho, Jesus Cristo, revelastes a plenitude do amor que persevera, perdoa e se entrega completamente. Pela sua Cruz, aquilo que estava destruído é restaurado, e, através do testemunho dos vossos santos, especialmente de São Maximiliano Maria Kolbe, mostrais-nos que o verdadeiro amor se torna mais luminoso quando se transforma em sacrifício pelos outros.

Por isso, com os Anjos e os Arcanjos, com os Tronos e as

Dominações, e com todos os Coros e Potestades celestes, cantamos o hino da vossa glória, proclamando sem cessar:

CONVITE AO PAI-NOSSO

Fiéis aos ensinamentos do Salvador e formados pela sua divina doutrina, ousamos rezar ao Pai que chama os seus filhos à unidade, à fidelidade e ao amor duradouro:

EMBOLISMO

Livrai-nos de todo o mal, Senhor, e dai ao mundo a paz em nossos dias, para que, ajudados pela vossa misericórdia, permaneçamos fiéis no amor, pacientes na provação e unidos de coração e espírito, enquanto esperamos a feliz esperança e a vinda do nosso Salvador, Jesus Cristo.

ORAÇÃO PELA PAZ

Senhor Jesus Cristo, Vós chamastes os vossos discípulos a viverem numa comunhão fiel e revelastes, pela vossa vida, o poder do amor que se entrega.

Não olheis para as nossas divisões e fracassos, mas para

a fé da vossa Igreja, e concedei-lhe benignamente a paz e a unidade do vosso Reino, de acordo com a vossa vontade. Vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos. Amen.

CONVITE À COMUNHÃO

Eis o Cordeiro de Deus, que permanece fiel mesmo quando o amor humano vacila, e que cura aquilo que está ferido através do dom de si mesmo.

Felizes os convidados para a ceia do Cordeiro.

MEDITAÇÃO APÓS A COMUNHÃO

O amor torna-se mais forte não quando nunca enfrenta dificuldades, mas quando escolhe permanecer fiel através delas. Nesta Eucaristia, Cristo entregou-se mais uma vez totalmente a nós. Ele entra nos lugares frágeis do nosso coração — não para condenar, mas para restaurar. Como uma embarcação restaurada que regressa ao mar depois da tempestade, também nós somos enviados de volta à vida renovados pela graça, fortalecidos para amar com maior paciência, fidelidade e misericórdia.

ORAÇÃO DEPOIS DA COMUNHÃO

Alimentados pelo Corpo e Sangue do vosso Filho,
nós Vos pedimos, Senhor, que este sacramento nos
fortaleça numa vida de amor fiel e de serviço generoso.

Curai aquilo que está dividido dentro de nós,
renovai o nosso compromisso com a comunhão
e tornai-nos testemunhas corajosas da caridade que se
entrega, segundo o exemplo de São Maximiliano Kolbe.
Por Cristo, nosso Senhor. Amen.

BÊNÇÃO SOLENE

Que o Senhor vos abençoe com corações firmes no amor
e pacientes na provação. Amen.

Que Ele cure aquilo que está ferido nos vossos
relacionamentos e vos fortaleça na fidelidade e na paz.
Amen.

Que o exemplo de São Maximiliano Kolbe vos inspire a
viver com amor generoso e desprendido. Amen.

E a bênção de Deus todo-poderoso, Pai, Filho ✠ e Espírito
Santo, desça sobre vós e permaneça para sempre. Amen.

DESPEDIDA

Ide em paz e glorificai o Senhor com uma vida de amor
fiel, de reconciliação e de generosa entrega aos outros.

PENSAMENTO PARA A SEMANA

O amor fiel não é a ausência de tempestades, mas a
coragem de reconstruir, permanecer e voltar a entregar-se
à luz da misericórdia duradoura de Deus.

15 de Agosto de 2026 – Sábado

Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria

Ap 11,19; 12,1–6.10; 1 Cor 15,20–26; Lc 1,39–56

A fé que se move no amor já está a dar passos rumo à glória.

INTRODUÇÃO

Um faroleiro disse certa vez que, durante tempestades violentas, nunca concentrava a sua atenção nas ondas, mas em manter a luz firme e constante. Sabia que os marinheiros assustados não precisavam de ruído nem de pânico; precisavam de uma luz fiel que os pudesse guiar até casa. Muitas vezes nunca chegou a conhecer as pessoas que ajudava. Mesmo assim, confiava que aquela luz fazia a diferença.

Hoje a Igreja celebra Maria como essa luz firme da fé. Na sua Assunção vemos não apenas a glória de Maria, mas também o destino da humanidade em Cristo. A sua vida — escondida, humilde, fiel e cheia de amor — já alcançou a plenitude que Deus deseja para todo o seu povo. O

Senhor que ressuscitou Cristo de entre os mortos elevou também Maria à glória celeste.

O Evangelho mostra Maria partindo “apressadamente” para visitar Isabel. A fé nela não permaneceu privada nem passiva. Ela levou Cristo à vida de outra pessoa, e onde Cristo chegou, a alegria despertou. A criança saltou de alegria no seio de Isabel, e o louvor encheu aquela casa. A fé que se move no amor já começa a participar da vida do céu.

Contudo, sabemos que a nossa própria fé nem sempre é firme. Por vezes escolhemos o medo em vez da confiança, o interesse pessoal em vez do serviço, e o desânimo em vez da esperança. Portanto, ao prepararmo-nos para celebrar estes santos mistérios, peçamos ao Senhor misericórdia e cura.

ATO PENITENCIAL

Senhor Jesus, viestes ao mundo através da fé humilde de Maria e trouxestes alegria a todos os que Vos acolheram:
Senhor, tende piedade de nós.

Cristo Jesus, chamais-nos a levar a vossa presença à vida dos outros através do amor e do serviço:

Cristo, tende piedade de nós.

Senhor Jesus, vencestes o pecado e a morte e abristes para a humanidade o caminho da glória eterna:

Senhor, tende piedade de nós.

ORAÇÃO DE ABSOLVIÇÃO

Deus todo-poderoso, que exaltou a humilde Virgem Maria e a cumulou com a alegria da salvação, perdoe os nossos pecados, fortaleça-nos na fé e no serviço amoroso, e nos conduza à vida eterna. *Ámen.*

CONVITE AO GLÓRIA Ao honrarmos Maria, elevada à glória celeste, unamo-nos ao cântico de louvor que ela própria proclamou no Magnificat, exultando no Deus que exalta os humildes e enche o seu povo de vida.

ORAÇÃO COLECTA

Ó Deus, que olhastes com amor para a humildade da Bem-Aventurada Virgem Maria e elevastes o seu corpo e alma à glória celeste, concedei que, seguindo o seu exemplo de serviço fiel e de confiança inabalável, também nós possamos levar Cristo ao mundo com corações cheios de alegria e chegar finalmente a participar da plenitude da vida eterna.

Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo, e vive e reina pelos séculos dos séculos. *Ámen.*

HOMILIA

Uma idosa vivia sozinha numa pequena aldeia costeira. Os seus dias passavam de forma simples: o som das ondas, o tique-taque de um relógio antigo e as visitas ocasionais dos vizinhos. Numa tarde, um homem foi visitá-la para a animar, pensando que a solidão certamente pesava muito sobre ela. Contudo, mais tarde confessou

algo inesperado: “Fui para a encorajar, mas fui eu quem voltou mais leve.”

Ela possuía muito pouco — apenas chá, histórias antigas e uma presença serena. No entanto, essa presença transformava o ambiente à sua volta.

É muito semelhante ao que acontece no Evangelho de hoje.

Maria vai “apressadamente” visitar Isabel. À primeira vista, parece apenas uma visita familiar comum. Mas por detrás dessa simples viagem encontra-se um dos maiores mistérios da Escritura: Deus está a ser levado silenciosamente para a casa de outra pessoa.

E reparemos no que acontece. No momento em que Maria chega, a alegria irrompe. Isabel fica cheia do Espírito Santo. A criança salta de alegria no seu ventre. Palavras de bênção transbordam. Maria não trouxe riquezas, nem poder, nem qualquer anúncio público. Trouxe apenas

Cristo. Contudo, a presença escondida de Cristo transforma tudo.

Há momentos na vida em que a presença vale mais do que as palavras. Os enfermeiros falam por vezes de doentes que parecem inconscientes ou sem reação, mas que respondem quando um ente querido entra no quarto. Uma mão aperta outra. Um rosto suaviza-se. O ritmo cardíaco torna-se mais estável. Uma enfermeira disse certa vez: “É como se a alma reconhecesse que já não está sozinha.”

A visitação de Maria contém exatamente esse mistério. Cristo, ainda não nascido, está escondido nela, mas a sua presença já está a trazer vida.

E é isso que a verdadeira fé sempre faz. A fé nunca é apenas uma crença privada. A fé move-se. A fé caminha. A fé leva Cristo aos outros.

A Assunção de Maria celebra a plenitude dessa vida de fé. A Igreja não honra Maria simplesmente porque ela foi

escolhida há muito tempo. A Igreja honra-a porque ela permaneceu fiel até ao fim: em Nazaré, em Belém, durante o exílio, nos anos simples e escondidos da vida quotidiana, em Caná e, finalmente, ao pé da cruz.

A sua glória não começou no céu. Começou na confiança de cada dia.

Um professor disse certa vez aos seus alunos que a grandeza é muitas vezes invisível enquanto está a acontecer. Mostrou-lhes uma bolota e perguntou: “Quem consegue ver o carvalho?” Os alunos riram-se, porque tudo o que viam era uma pequena semente. Contudo, escondia-se nela algo imenso.

A vida de Maria parecia pequena aos olhos do mundo. Uma jovem de aldeia. Uma mãe discreta. Sem exércitos. Sem poder político. Sem importância pública. No entanto, dentro da sua vida, o Reino de Deus estava a desabrochar.

E hoje a Assunção revela aquilo que Deus sempre viu.

O Livro do Apocalipse oferece-nos aquela imagem impressionante da mulher vestida de sol, perseguida pelo dragão. Recorda-nos que o bem é sempre contestado. A fé nunca é vivida sem luta.

Por vezes imaginamos as pessoas santas como alguém que nunca conheceu conflitos ou medos. Mas Maria conheceu a incerteza. Conheceu a incompreensão. Conheceu o sofrimento. Simeão advertiu-a de que uma espada lhe trespassaria o coração. Ela viu o seu Filho rejeitado e crucificado.

Mas o mal não teve a última palavra.

Há uma história da Europa em tempo de guerra sobre uma família obrigada a viver sob apagões noturnos. Toda a luz visível tinha de desaparecer porque os aviões inimigos procuravam alvos no solo. Contudo, uma mãe mantinha secretamente uma pequena vela acesa atrás de cortinas espessas porque o seu bebé recém-nascido tinha medo da escuridão. Mais tarde, um vizinho comentou: “Não se conseguia ver a luz do lado de fora, mas de algum modo

sabíamos que ela estava lá porque toda a casa parecia diferente.”

Essa luz escondida é uma bela imagem de Maria. Ela leva Cristo silenciosamente, mas por onde passa a atmosfera muda.

A Igreja é chamada a ser a mesma coisa. Não uma dominação ruidosa. Não um espetáculo. Mas uma fidelidade escondida que leva Cristo às casas, aos hospitais, às escolas, aos locais de trabalho e aos corações feridos.

Por vezes os cristãos pensam que realizam muito pouco porque os seus atos parecem comuns: visitar alguém que está sozinho, rezar fielmente, cuidar dos filhos, perdoar em silêncio, permanecer honesto nas dificuldades, sentar-se ao lado dos doentes, encorajar alguém que está desanimado.

Mas o Evangelho recorda-nos que os atos escondidos de amor podem ter um significado eterno.

Um médico descreveu certa vez o caos de um serviço de urgência após um terrível acidente. As máquinas soavam alarmes. Os profissionais corriam freneticamente de um doente para outro. O medo enchia a sala. Contudo, no meio daquela confusão, uma enfermeira experiente deslocava-se calmamente de cama em cama, falando com suavidade e transmitindo segurança. Mais tarde, o médico refletiu: “Ela não eliminou o caos, mas levava consigo uma paz que o caos não conseguia destruir.”

Essa é a paz que vemos em Maria.

A Assunção diz-nos que o destino da humanidade não é a destruição, mas a glória. A morte é real, mas não é definitiva. São Paulo afirma que Cristo é as “primícias” daqueles que morreram. A Assunção de Maria torna-se a primeira floração daquilo que Deus deseja para todos os que pertencem a Cristo.

E isto tem uma importância profunda num mundo frequentemente marcado pelo medo e pelo cansaço. Muitas pessoas carregam hoje fardos escondidos: luto,

ansiedade, incerteza quanto ao futuro, solidão, desilusão, medo da velhice e medo da própria morte.

A Assunção fala diretamente a esses medos. Proclama que uma vida humana vivida em Deus nunca se perde.

Um guia de montanha conduzia um grupo de viajantes através de uma tempestade de neve tão intensa que quase nada se conseguia ver. A visibilidade desapareceu completamente. O grupo ficou assustado porque já não conseguia ver o destino. O guia simplesmente caminhava à frente, deixando pegadas na neve. Mais tarde disse-lhes: “Não precisavam de ver toda a viagem. Precisavam apenas de colocar os pés onde eu tinha caminhado.”

Maria é assim para a Igreja. Ela caminha à nossa frente como sinal de esperança. E o próprio Cristo é o verdadeiro guia à sua frente, Aquele que passou pela morte para entrar na vida eterna.

Por isso, a festa da Assunção não é apenas sobre Maria. É sobre o nosso futuro. É sobre o significado do

discipulado já agora. A fé que se move no amor já está a dar passos rumo à glória.

Cada ato de confiança, cada sacrifício silencioso, cada “sim” fiel a Deus, cada obra escondida de misericórdia já pertence à eternidade.

Como Maria, somos chamados a levar Cristo ao mundo. E onde quer que Cristo seja levado com amor, a vida começa novamente a saltar de alegria.

CONVITE AO CREDO

Unidos a Maria, que acreditou nas promessas de Deus e agora participa plenamente na vitória de Cristo sobre a morte, professemos a fé da Igreja.

CONVITE À ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Assim como Maria levou Cristo no seu seio e trouxe alegria à casa de Isabel, apresentemos estes dons ao altar com corações prontos para servir a Deus e aos irmãos na fé e no amor.

ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Aceitai benignamente, Senhor, esta oferta do nosso serviço, para que contribua para a salvação do vosso povo; e, pela intercessão da Bem-Aventurada Virgem Maria, elevada ao céu, permaneçam os nossos corações firmes na fé e generosos no serviço amoroso.

Por Cristo, nosso Senhor. Ámen.

PREFÁCIO

Senhor, Pai santo, Deus eterno e onnipotente, é verdadeiramente nosso dever e nossa salvação dar-Vos graças sempre e em toda a parte, por Cristo, nosso Senhor.

Porque hoje a Virgem Mãe de Deus foi elevada à glória celeste, primícia da plenitude da Igreja e sinal de esperança para o vosso povo peregrino.

Nela revelais o destino preparado para todos os que confiam na vossa promessa e levam Cristo fielmente pelos caminhos comuns da vida.

A sua obediência silenciosa tornou-se alegria para o mundo,
o seu amor perseverante tornou-se luz nas trevas,
e o seu serviço fiel tornou-se um cântico de louvor que ainda hoje ressoa por toda a Igreja.

Pela sua Assunção,
proclamais que a morte não tem a última palavra,
porque o vosso Filho venceu o túmulo
e abriu o caminho para a vida eterna.

Por isso, com os Anjos e os Arcanjos,
com os Tronos e as Dominações,
e com todos os Coros e Potestades celestes,
cantamos o hino da vossa glória,
dizendo sem cessar:

CONVITE AO PAI-NOSSO

Com confiança no Pai cuja promessa ressuscitou Cristo e glorificou Maria, rezemos juntos como o Senhor Jesus nos ensinou.

EMBOLISMO

Livrai-nos de todo o mal, Senhor, nós Vos pedimos,
e dai ao mundo a paz em nossos dias,
para que, sustentados pelo exemplo da Bem-Aventurada
Virgem Maria, caminhemos na esperança fiel através das
lutas desta vida e levemos a luz de Cristo a um mundo
ferido, enquanto aguardamos a feliz esperança
e a vinda do nosso Salvador, Jesus Cristo.

ORAÇÃO PELA PAZ

Senhor Jesus Cristo,
que trouxestes alegria à casa de Isabel
pela presença silenciosa do vosso amor salvador,
e que, pela vossa vitória sobre a morte,
abristes para a humanidade o caminho da paz eterna,
não olheis para os nossos pecados,
mas para a fé da vossa Igreja,
e concedei-lhe a paz e a unidade, segundo a vossa
vontade.
Vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos. Ámen.

CONVITE À COMUNHÃO

Eis o Cordeiro de Deus,
que vem habitar no meio do seu povo e trazer-lhe a vida.
Felizes os convidados para a ceia do Cordeiro.

MEDITAÇÃO APÓS A COMUNHÃO

Maria levou Cristo dentro de si e levou alegria por onde
passou. Também nós recebemos agora o Senhor dentro
de nós. A Eucaristia nunca foi destinada a permanecer
escondida apenas dentro de nós mesmos. Como Maria,
somos enviados para levar Cristo às casas, aos locais de
trabalho, aos corações que sofrem e aos momentos
simples da vida. A fé que se move no amor já começa a
participar da vida do céu.

ORAÇÃO DEPOIS DA COMUNHÃO

Tendo recebido o Sacramento da salvação,
nós Vos pedimos, Senhor, que, pela intercessão da Bem-
Aventurada Virgem Maria, elevada ao céu,
nos fortaleçais para caminhar fielmente no amor e no
serviço até chegarmos a participar plenamente da glória
prometida ao vosso povo. Por Cristo, nosso Senhor. Ámen.

BÊNÇÃO SOLENE

Deus todo-poderoso, que elevou a Bem-Aventurada Virgem Maria à glória celeste, fortaleça os vossos corações na fé, encha-vos da alegria do Evangelho e vos torne portadores firmes da presença de Cristo no mundo. Ámen.

Que o Senhor guie os vossos passos em todas as lutas e mantenha viva em vós a esperança da vida eterna. Ámen.

E a bênção de Deus todo-poderoso, Pai, ✠ Filho e Espírito Santo, desça sobre vós e permaneça para sempre. Ámen.

DESPEDIDA

Ide em paz e glorificai o Senhor com uma vida de amor fiel, levando Cristo ao mundo como Maria o levou.

PENSAMENTO PARA A SEMANA

A fé não se torna gloriosa apenas no fim da vida; torna-se gloriosa cada vez que leva Cristo à vida de outra pessoa com amor.